

MEIO AMBIENTE

E O DNA DO PÓ PRETO

VIROU POEIRA...

Estudo sobre origem do pó não tem prazo para ser concluído

ANNY GIACOMIN
agiacomini@redgazeta.com.br

Previsto para ser entregue em março, o tão esperado estudo sobre o DNA do pó preto não tem data para ser concluído. Três anos após o início da coleta de amostras, ainda não se sabe, de fato, quando será possível quantificar o pó preto em cada ponto monitorado e saber o que tem e de onde vem a poeira sedimentar. Sabe-se somente que, além do pó preto, a poluição veicular e a poeira da construção civil interferem nesse sedimento.

O estudo também serviria de base para subsidiar a regulamentação da emissão de pó preto no Espírito Santo, iniciativa inédita no país. Enquanto isso, ficam apenas no papel as propostas de impor limites na emissão dos poluentes e de multar os responsáveis por isso.

No Brasil, não há padrão de qualidade do ar para partículas sedimentáveis, como o pó preto - consideradas menos agressivas à saúde, apesar de visíveis a olho nu. O controle só é feito para as partículas totais em suspensão e leva em consideração a poeira mais leve, encontrada no ar e considerada mais prejudicial.

COMPROMISSO

Enquanto não há regulamentação para emissão de pó preto, Ministério Público e empresas firmaram um Termo de Compromisso Ambiental (TCA) conter o avanço das partículas. Na Vale, foram instaladas barreiras de vento (wind fences) nos pátios. A última será instalada em setembro.

A Samarco Mineração também instala wind fences em suas unidades, em Anchieta. A ArcelorMittal Tubarão não assinou o TCA. Procurada no final da tarde de ontem, a empresa não comentou a respeito.



FÁBIO VICENTINI

“Não faz diferença se o estudo vai demorar mais 4 ou 5 meses; a gente quer ver o resultado para punir os culpados”

—
PAULO ESTEVES
REPRESENTANTE DOS
MORADORES DE
NOVE BAIRROS DA
CAPITAL NA
COMISSÃO DE
ACOMPANHAMENTO

ENTENDA O CASO

Estudo

▼ **DNA do pó preto**
O estudo do DNA do pó preto foi iniciado em 2008, em um convênio do lema com pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). É ele que vai dizer de que o pó preto é constituído

Fontes

▼ **Identificação**
Também será possível

saber qual a participação de cada fonte na formação do pó: indústrias, construção civil, veículos e fontes naturais

Atraso

▼ **Previsão**
A pesquisa ficaria pronta em março deste ano, com base em amostras colhidas em 2009 e 2010. Foi adiada para julho e novamente não ficou pronta. Agora, não

há mais data definida para ser finalizada

Monitoramento

▼ **Hoje**
O órgão de controle do ar continua sem saber o quanto de pó preto há na Grande Vitória. As medições, feitas em diversos pontos de Vitória, Vila Velha e Cariacica, servem para monitorar apenas a poeira mais leve, que fica no ar, conforme diz a

legislação federal, com normas estabelecidas pelo Conama (Conselho Nacional de Meio Ambiente)

Acordo

▼ **Vigilância**
O Ministério Público, com o lema e a população, tenta fechar acordos com as empresas emissoras de pó preto para minimizar os impactos ambientais

Além de sujar, pó piora alergia

Além da sujeira deixada nas casas, o pó preto - uma mistura de carvão com minério - é um dos responsáveis por agravar problemas de saúde como alergias, asma, bronquite, rinite, faringite e dermatites.

O alergista Gilmar Domingues Cardoso explica que, nesta época do ano, como o ar está mais seco e venta muito, os sintomas apresentados pelas pessoas alérgicas pioram.

“As vias aéreas ficam irritadas, assim como a pele. Os olhos também coçam e ficam avermelhados e causa muito desconforto. Mas não tem jeito. Para melhorar isso, só mudando de Vitória”, disse o médico.

Dúvida no ar sobre pagamento por estudo

O DNA do pó preto, feito por pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), chegou a ser apresentado à Comissão de Acompanhamento, formada por Ministério Público, Vale, Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) e

representantes dos moradores de nove bairros da Grande Vitória (como as ilhas do Frade e do Boi). O grupo avaliou que os resultados não foram conclusivos, havendo necessidade de complementação.

Segundo Paulo Esteves, representante dos morado-

res, não foram detalhadas quais as fontes emissoras do pó. “Eles conseguiram identificar o que veio de veículo, indústria ou construção civil. Mas queremos saber quanto desse pó vem da Vale e de que parte da empresa, por exemplo, ele é emitido”, explicou.

Não se sabe quem vai financiar essa complementação do estudo. Esteves ressaltou que a Vale teria dito que continuaria pagando a análise, mas a empresa informou desconhecer a situação. Segundo o Iema, não há previsão para a conclusão do documento.